

Vestígios de uma antiga conexão

texto **LIANA JOHN** e foto **CLAUDIONOR PECORARI**



Pequenos refúgios de areia dourada, escondidos entre altas muralhas de pedra, de frente para o mar azul, emoldurados por verdes matas ou coqueirais. Muitas praias brasileiras parecem parte do projeto de algum arquiteto romântico, disposto a garantir privacidade a casais de namorados, nesses pedacinhos de paraíso tropical decorados com 'jardins' sombreados e com imensas 'janelas' abertas para o horizonte. Encantados com o ambiente cheio de sol e maresia, raros visitantes se perguntam por que costões rochosos íngremes freqüentemente se alternam com trechos de areia pouco extensos.

Para quem entende um pouquinho de Geologia parece um contra-senso, afinal, praias são depósitos de sedimentos arenosos resultantes da erosão provocada pela ação das ondas e a rocha da maioria dos costões não tem nem cara de arenito, é puro cristalino, material de alta resistência, nada propenso a se transformar em areia, mesmo sujeito às batidas insistentes do mar.

De fato, a origem dos costões é bem diversa da origem das praias, embora as duas formações sejam vizinhas íntimas. Os costões são afloramentos de rochas cristalinas

na linha do mar, cuja conformação deriva da separação dos continentes – África e América do Sul – ocorrida há 145 milhões de anos. A cisão se deu pela ação de um conduto vulcânico no manto terrestre: uma enorme coluna de rocha quente subiu de grandes profundidades, de sob o manto até a superfície, causando extenso vulcanismo. Esse material perfurou a crosta terrestre e iniciou o processo de ruptura do supercontinente – conhecido como Gondwana – e o conseqüente surgimento do Oceano Atlântico, há 130 milhões de anos.

Logicamente, tamanha movimentação geológica provocou falhas e fraturas, mesmo em rochas duras como as do escudo cristalino que constitui a maior parte do território brasileiro. As feições dos costões brasileiros e africanos são vestígios da forma como a borda de cada continente se 'quebrou': em matacões (costões fragmentado de diferentes tamanhos) ou falésias (paredões contínuos de diferentes alturas).

Após o afastamento dos continentes, outras alterações deixaram mais vestígios nas bordas separadas, relacionadas com a redução ou o aumento do nível do mar, respectivamente durante os períodos de glaciação e interglaciais. Em diversas eras, as geleiras chegaram a cobrir até 30% da superfície da Terra para depois regredir para cerca de 10% (porcentagem atual). A alternância de tais eras geladas com intervalos mais quentes marcou especialmente o Quaternário, quando então, entre outras formações, sedimentaram-se as praias. A 'vizinhança' das sólidas rochas dos costões com as areias, portanto, tem 'apenas' 1,64 milhão de anos. Ou menos.

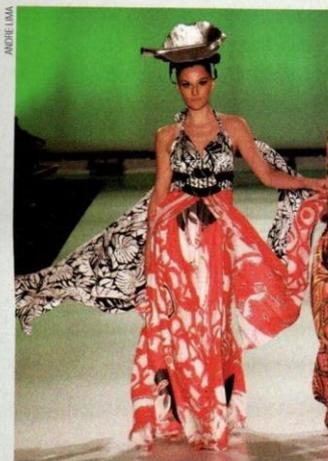
Mas, claro, isso hoje não faz a menor diferença para quem anda descalço à beira-mar, de uma ponta a outra da praia, ou para quem escala as rochas dos costões para ver o pôr-do-sol lá de cima...

CAMINHO DO MEIO

texto LIANA JOHN

Vitrine solidária

Saúde e Alegria, GTA e Alcoa levam expo Amazônia Brasil para público nova-iorquino



Desde o último Dia da Terra (22 de abril) e até o próximo 13 de julho, New York respira ares tropicais. Múltiplos eventos e a exposição Amazônia Brasil acontecem naquela metrópole, fruto de uma parceria entre 35 organizações não-governamentais brasileiras, coordenadas pelo Projeto Saúde e Alegria (PSA) e pelo Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA); instituições de pesquisa brasileiras e norte-americanas e a empresa de mineração Alcoa, como principal patrocinadora. A coordenação é do médico Eugênio Scannavino Netto, do PSA, a execução da Fare Arte e as fotos de Araújo Alcântara e Luis Claudio Marigo.

Os objetivos principais são gerar be-

nefícios diretos para as comunidades da Amazônia, consideradas verdadeiras guardiãs da floresta, e valorizar as iniciativas já existentes de desenvolvimento sustentável, além de sensibilizar todo tipo de público para a urgência da conservação da Amazônia na regulação climática e para o futuro do Planeta. "Muito se fala sobre a destruição da região, mas há várias experiências transformadoras e bem-sucedidas, com base no desenvolvimento sustentável, na preservação do meio ambiente e no respeito ao povo local. É isso que queremos compartilhar com os visitantes da exposição", destaca Scannavino.

A mostra Amazônia Brasil existe há 6 anos e já foi montada em São Paulo, na França (Paris), na Suíça (Lausanne) e na Alemanha (Bavária). Nos Estados Unidos está associada, pela primeira vez, a um projeto educativo. "Queremos mostrar uma Amazônia real, com uma agenda positiva, para substituir os velhos clichês aos quais os estudantes normalmente estão expostos", explica a diretora executiva da exposição Anna Cláudia Agazzi, da Fare Arte. "Escolhemos a 3ª e a 6ª séries nas quais se trabalham conteúdos pertinentes e disponibilizamos um material de apoio, além de trabalhar com os profes-

res da rede pública. Esses estudantes estão visitando a exposição e todos os horários para eles disponibilizados estão tomados, até julho!"

Montada no Pier 17, em Manhattan, a exposição ocupa 1.200 metros quadrados e inclui uma reprodução da floresta amazônica com plantas reais, sons de aves e de água, maquetes feitas por artesãos, fotos e objetos. É como uma imensa vitrine para os projetos e iniciativas realizados por organizações não-governamentais, à disposição dos 30 mil visitantes diários do Pier 17. Os interessados em participar mais ativamente têm chance de contribuir para a continuidade desses projetos por meio dos ingressos ou de doações, estimuladas por uma campanha, a dos Amigos da Amazônia. Os doadores escolhem contribuir com 31, 52 ou 102 dólares e recebem diplomas de curumim, abaré ou curupira.

Em outros locais de New York estão programados mais eventos: seminários, visitas ao Jardim Botânico e a mostra *Amazônia Design, Moda e Economia Sustentável*, no World Financial Center, com direção de Debora Laruccia. Ali prevalece um olhar contemporâneo sobre a região, com produtos mais sofisticados feitos com materiais certificados, segundo a concepção de designers e estilistas de renome - Hugo França, Renato Imbroisi, Fernando Jaeger, Sérgio



Fahrer, Lars Diederichsen e Alexandre Herchcovitch – que expõem ao lado de artesãos e estilistas amazônidas, como Dica Frazão, de Santarém (PA).

“Conheci a proposta da Amazônia Brasil em 2004, quando vi o catálogo de Paris, e logo comecei a conversar com os organizadores”, conta Nemércio Nogueira, diretor de Assuntos Institucionais da Alcoa América Latina e Caribe. “Era o tipo de parceria que estávamos procurando, aqui na Alcoa, pela possibilidade de levar para a capital do mundo ocidental uma visão da questão amazônica do jeito brasileiro e não do jeito americano. Essa mostra vai fazer de New York a maior caixa de ressonância do Planeta para essa Amazônia real”.

Segundo Nogueira, a Alcoa Alumínio decidiu ser o maior patrocinador dessa série de eventos, por meio da Alcoa Foundation, justamente porque quer reiterar seu compromisso com a

Campanha Amazônia Brasil

Todos os recursos arrecadados nos eventos de New York – na bilheteria, com doações ou com a venda de livros e artesanato – serão destinados ao apoio de projetos comunitários de ribeirinhos, extrativistas, indígenas e outros povos da floresta. Mesmo sem ter uma viagem programada à metrópole norte-americana é possível participar. Saiba como no site www.amazoniabrasil.org.br.

Amazônia, onde ficam algumas reservas de bauxita, o minério do qual se obtém alumínio. “Queremos que as pessoas saibam que estamos comprometidos com a região nessa linha de desenvolvimento sustentável. Nosso slogan *Sustentabilidade é a nossa natureza* não é só um discurso de marketing, não é o que vai vender mais alumínio: é um compro-

misso de fato, está em nossa essência”.

Além de destinar a bilheteria das diversas mostras e eventos para as ONGs associadas ao projeto, o médico Eugênio Scannavino Neto espera criar um fundo para tirar do papel um antigo sonho: a criação de uma Casa dos Povos da Floresta, em São Paulo. Seria um espaço permanente para funcionar como um centro para exposição de produtos sustentáveis, para a promoção de negócios entre as comunidades da Amazônia e os mercados consumidores e para estimular o investimento responsável. Nesse local, alguns artigos da exposição anual permaneceriam durante o ano inteiro, ao lado de uma biblioteca sobre a Amazônia. Seria uma casa de cultura, intercâmbio e negócios.



Avistar2008

22 a 25 de Maio Parque Villa-Lobos São Paulo - Brasil

Encontro Brasileiro de Observação de Aves

www.avistarbrasil.com.br



 BIODIVERSIDADE 

RARIDADES EXCLUSIVAS

texto **LIANA JOHN** e fotos **EDSON ENDRIGO**

*Escondidas em cores comuns, em vozes
discretas ou em locais de difícil acesso,
algumas espécies endêmicas nos ensinam
a ver o Cerrado com outros olhos,
bem mais atentos*



Porphyrospiza caeruleascens

CONTRASTES

O tapaculo-de-colarinho canta o dia inteiro, é fácil de avistar no Parque Nacional das Emas, diferentemente do majestoso cardeal-de-goias (à dir.), clicado em São Félix do Araguaia. O arisco cupacetinho-do-oco-do-pau (no recorte) vive em campo aberto, na Serra da Canastra.



Melanopareia torquata



O Cerrado brasileiro é a savana com a maior biodiversidade da Terra. Abriga pelo menos 2.260 espécies conhecidas de animais vertebrados e 10 mil espécies de plantas. Ocorre em 14 dos 27 Estados brasileiros. Separa duas grandes florestas – a Amazônia e a Mata Atlântica – além de se interpor entre as regiões mais seca e mais úmida do País – a Caatinga e o Pantanal.

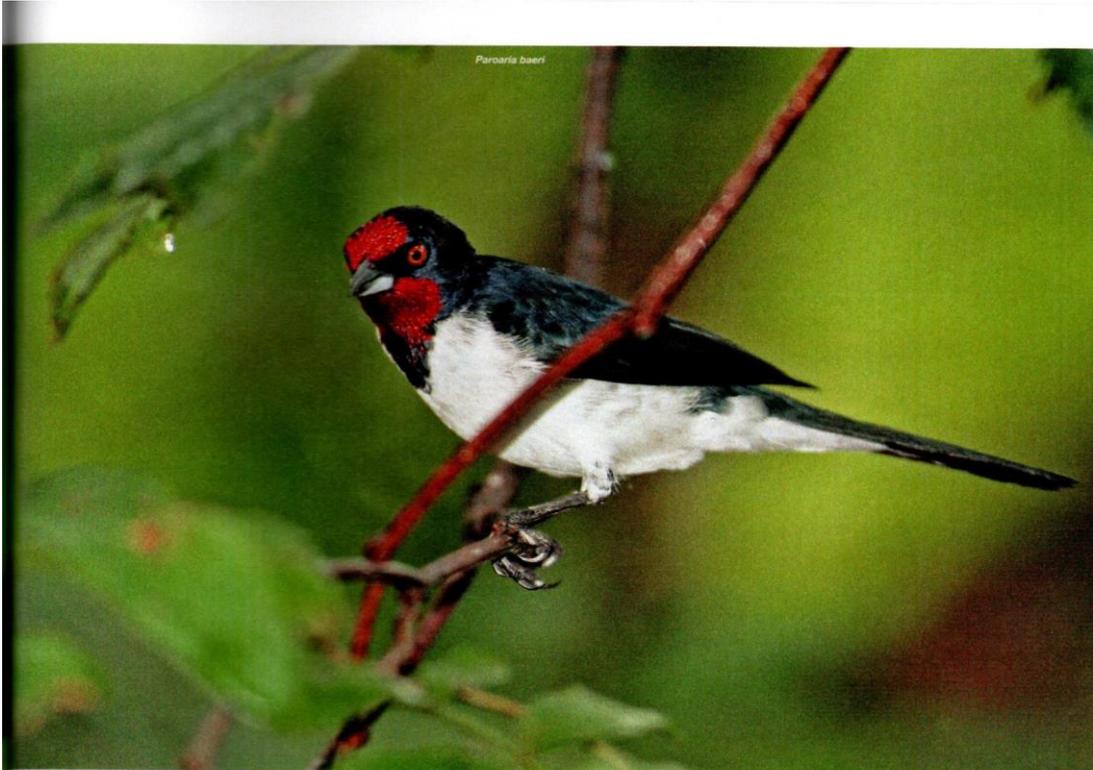
Ditos assim, encadeados, esses dados parecem suficientes para despertar a atenção das pessoas para a importância de proteger esse bioma da degradação ambiental e da supressão de vegetação, ambas resultantes de atividades humanas. Mas a realidade é bem diferente. Quando colocado diante da paisagem típica do Planal-

to Central – com sua vegetação rala pontuada por árvores retorcidas e com o sol inclemente reduzindo o espectro de cores apenas a tons pardacentos – o brasileiro se pergunta que utilidade poderia ter uma terra tão vasta, uma vez livre daquele 'mato ralo' de aspecto 'imprestável'.

Para passar dessa primeira reação – comum demais – à paixão reverente por um bioma repleto de segredos e surpresas, rico em aspectos e espécies únicas, é preciso tempo. Além de conhecimento, muito conhecimento. "O Cerrado é cheio de sutilezas, é preciso ter paciência e gostar muito de natureza. Gostar mesmo, senão após um ou dois dias já se acha chato estar ali", afirma Edson Endrigo, fotógrafo especializado e guia de observadores de aves. Com toda paciência de quem

é capaz de ficar mais de 6 horas parado, esperando o momento certo de disparar a câmera e conseguir a melhor pose, ele levou 12 anos para reunir material para um livro de aves do Cerrado onde constam algumas raridades exclusivas, como as espécies retratadas nestas páginas.

Para os observadores bem informados – sobretudo ingleses, australianos, japoneses e outros aficionados internacionais guiados por Endrigo – o Cerrado se distingue por conter duas Áreas de Endemismo de Aves ou, em inglês, *Endemic Bird Areas* (EBA). Essas áreas são identificadas pela organização não-governamental *Birdlife International* por abrigar alto índice de endemismo (espécies exclusivas) em espaços restritos. Das 10 mil espécies de aves conhecidas em todo o mundo, estima-se que 2.500



sejam endêmicas, mas nem todas vivem nas chamadas EBAs. Até o presente, a Birdlife International definiu 218 EBAs em todo mundo. Dez destas se estendem entre o Brasil e países vizinhos e 14 outras ficam apenas em território brasileiro, duas das quais no Cerrado. A primeira compreende a Cadeia do Espinhaço, entre Minas Gerais e Bahia, onde ocorrem duas espécies de beija-flores – *Augastes lachella* e *A. scutatus* –, o papa-moscas-de-costas-cinzentas (*Polystictus superciliaris*), o rabo-mole-da-serra (*Embernagra longicauda*), o fruxu-da-serra-do-mar (*Neopelma chrysolophum*) e o João-cipó (*Asthenes luizae*). A segunda abrange os cerrados de Minas Gerais, incluindo o Parque Nacional da Serra da Canastra;

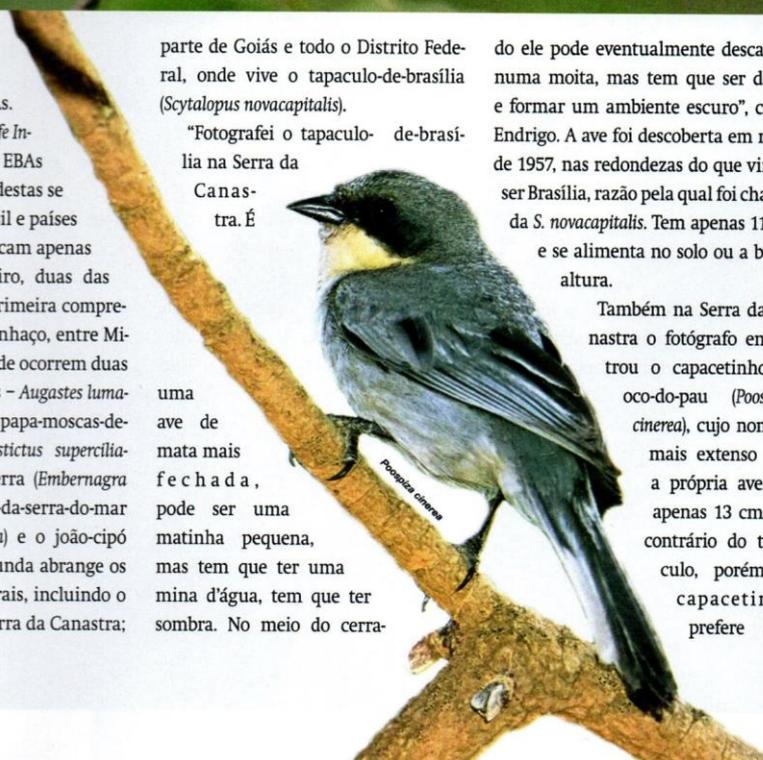
parte de Goiás e todo o Distrito Federal, onde vive o tapaculo-de-brasília (*Scytalopus novacapitalis*).

“Fotografei o tapaculo-de-brasília na Serra da Canastra. É

uma ave de mata mais fechada, pode ser uma matinha pequena, mas tem que ter uma mina d’água, tem que ter sombra. No meio do cerra-

do ele pode eventualmente descansar numa moita, mas tem que ser densa e formar um ambiente escuro”, conta Endrigo. A ave foi descoberta em maio de 1957, nas redondezas do que viria a ser Brasília, razão pela qual foi chamada *S. novacapitalis*. Tem apenas 11 cm e se alimenta no solo ou a baixa altura.

Também na Serra da Canastra o fotógrafo encontrou o capacetinho-do-oco-do-pau (*Poospiza cinerea*), cujo nome é mais extenso que a própria ave, de apenas 13 cm. Ao contrário do tapaculo, porém, o capacetinho prefere am-





Aliphoestha xanthrops

Meandros do endemismo

Nem sempre é fácil entender porque uma espécie ocorre em determinado local e já não existe logo ao lado, mas, procurando bem, sempre se encontra uma razão para o endemismo, seja na história ou na paisagem. Ou em ambas.

O Cerrado brasileiro se estende por uma grande área – 2.031.990 km², só no Planalto Central – mas não tem uma fisionomia única. É, antes, um quebra-cabeça de ecossistemas visivelmente diferentes, delimitados pela disponibilidade de água, fertilidade do solo, presença de rochas, e diferenças de microclima e altitude. Os nomes dos componentes desse quebra-cabeça são indicativos da densidade e do porte da vegetação: campo limpo, campo sujo, campo cerrado, cerrado, cerradão, lajedo, mata ciliar, vereda.

O Cerrado também é influenciado pelas espécies dos biomas que o cercam: Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga e Pantanal. E toda essa mistura de habitats únicos e zonas de transição conduz a uma riqueza biológica extraordinária, além de explicar a ocorrência das espécies endêmicas. Segundo

contabiliza o ornitólogo Luís Fábio Silveira, da Universidade de São Paulo (USP), o Cerrado abriga 840 espécies de aves conhecidas, das quais cerca de 200 são típicas da Amazônia, outras 80 ocorrem também na Mata Atlântica e 33 são endêmicas.

De acordo com a entidade ambientalista Conservação Internacional, no Cerrado brasileiro existem 195 espécies de mamíferos, sendo 14 endêmicas. Os anfíbios são representados por 251 espécies, das quais 26 são endêmicas. Os répteis, por 225 espécies, com 33 endêmicas. E os peixes de água doce superam 800 espécies conhecidas, dos quais nada menos do que 200 são exclusivos do bioma. Mas os números crescem de verdade quando se trata das plantas: pelo menos 10 mil já são conhecidas e, entre elas, 4.400 são endêmicas!

Tal riqueza biológica associada à baixa proteção – apenas 2% do bioma estão legalmente protegidos – levou a CI a incluir o Cerrado entre os 34 hotspots do mundo, as 34 áreas de alta biodiversidade consideradas prioridade mundial para ações de conservação.

POSE DE MODELO

O papagaio-galego (esq.) fez pose pertinho do fotógrafo; difícil foi clicar o limpá-folha-do-brejo (ao lado no recorte) em seu habitat



Synedryla dimidiata

bientes abertos – os campos rupestres – como os da Serra do Curral e da Serra do Cipó, onde também ocorre. “É um animal agitado, não pára quieto. E anda sempre em

Algumas aves vivem em locais de difícil acesso para o observador

dupla, um casal, ou, em pequenos bandos familiares”, revela.

Os campos rupestres também são a ‘casa aberta’ do belo campainha-azul (*Porphyrospiza caerulescens*), de 13 cm, habituado a correr no solo entre pedras e capim ralo, pousando em arbustos para cantar. “Captar uma imagem do campainha-azul é um golpe de sorte. É uma ave que todo mundo quer ver. A plumagem do macho é espetacular quando bate o sol. A fêmea é mais discreta, cinza, com o bico amarelo. Mas o macho dá show. Só que ele aparece quando quer, às vezes se topa com ele dias seguidos, às vezes se fica um ano sem conseguir localizar”, conforma-se o guia de observadores.

Nessa atividade – a de conduzir turistas internacionais em busca de determinadas espécies de aves – é preciso ter paciência. “Saio sempre com o binóculo e muito boa vontade, disposto a me divertir”, ensina. “Às vezes fico horas atrás da ave, procurando, ouvindo o canto, e nada... Às vezes não estou nem esperando e a ave senta bem na minha frente”. As fotos do livro e a que ilustra na abertura dessa reportagem (pág. 61) foram tiradas na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, num desses dias de sorte, de ter a campainha-azul bem pertinho.

Sorte grande também foi conseguir

**EM CASA**

O andarilho, raro e ameaçado, foi flagrado no ninho num barranco à beira da estrada; o bacurau-de-rabo-branco (ao lado), de cabeça e olhos grandes, é mansinho.



se aproximar do limpa-folha-do-brejo (*Syndactyla dimidiata*), uma ave de 17 cm, especializada em brejo, como bem diz o nome. Diversas aves do Cerrado – como o maracanã-do-buriti ou maracanã-de-cara-amarela (*Orthopsittaca manilata*) e o tesourinha (*Tachornis squamata*) – são igualmente restritas a veredas e brejos, onde o solo é encharcado e caminhar é muito penoso (para nós). As aves costumam usar recursos de plantas especializadas em tais ambientes, como o buriti (*Mauritia flexuosa*), a palmeira mais comum das veredas, que cresce sempre com o ‘pé’ na água. “No Parque Nacional das Emas há uma ponte, um trapiche sobre a área alagada, e isso nos dá a oportunidade de chegar perto de aves, como o limpa-folha, que vivem na altura média das árvores, dentro das veredas, portanto inacessíveis de outra

Aves dos campos somem por causa das alterações ambientais

forma”, explica Edson Endrigo.

Outra ave fotografada no mesmo parque foi o bacurau-de-rabo-branco (*Eleothreptus candicans*), “raro em outros locais, mas com uma hiperpopulação ali”, comenta Endrigo. “Ele é manso, deixa até fazer carinho na cabeça. Senta num cupinzeiro ou numa folhinha no chão e fica imóvel, com seu cabeção e olhos enormes”. Também o tapaculo-de-colarinho (*Melanopareia torquata*) é fácil de localizar: “ele canta no cerrado típico

o dia inteiro, inclusive ao meio-dia e bem pertinho. Só é difícil de enxergar, por causa da cor da plumagem”.

Já para capturar imagens do andarilho (*Geositta poeciloptera*) a melhor estratégia é sair atrás de campos recém-queimados, infelizmente cada vez mais numerosos. De plumagem marrom, a ave de 12 cm pertence à família Scleruridae, a mesma dos limpa-folhas. É uma espécie muito rara e ameaçada de extinção, mas pode ser encontrada junto a cupinzeiros. “Consegui gravar a voz do andarilho e o macho responde fazendo um *display* para marcar território. Ele é capaz de pairar no ar, batendo as asas, extraordinário. E faz o ninho na terra, em barrancos de beira de estrada, onde fiz a foto”, comemora.

Conforme lembra Luís Fábio Silveira, “as aves dos campos são extre-

Ode à sutileza

Em 224 páginas de papel couché fosco, diagramadas com todo cuidado e muito bom gosto, o renomado fotógrafo e guia de



observadores de aves Edson Endrigo reúne suas mais belas imagens de 100 espécies do Brasil Central. Todas as fotos foram feitas por ele em ambiente natural, no decorrer de numerosas viagens, realizadas ao longo de 12 anos. E nenhuma ave foi capturada para ser retratada, como faz questão de frisar o autor logo na apresentação do livro. Endrigo traduz, com o próprio exemplo, uma esperança na capacidade de as pessoas se encantarem com a beleza nem sempre evidente dessas aves, repa-

rando nas sutilezas da plumagem, dos padrões de listras e manchas, dos bicos e em outros detalhes que fazem a riqueza

da avifauna do Cerrado. Espera, assim, mobilizar o público em defesa desse inestimável patrimônio vivo brasileiro.

A obra será lançada no Avistar 2008, neste mês de maio, e faz parte de uma coleção de aves dos biomas brasileiros, da qual já foram lançados Aves da Mata Atlântica e Aves da Amazônia, comercializados em boas livrarias ou pelo site www.avesefotoseditora.com.br. E o próximo título da lista é Aves do Pantanal, ainda em fase de edição. Vale a pena aguardar!

mamente sensíveis às alterações ambientais, desaparecendo rapidamente se o seu ambiente sofre alguma modificação mais drástica". Os campos, de modo geral, são pouco valorizados como áreas naturais a serem preservadas, sobretudo em países de florestas exuberantes, como o Brasil. E isso conduz à falta de proteção adequada a tais ecossistemas, pondo em risco, por exemplo, "o inambu-carapé (*Taoniscus manus*) e a codorna-mineira (*Nothura minor*), as menores espécies de uma família que inclui inambus, perdizes, macucos e codornas, hoje praticamente restritos às reservas onde há campos limpos", observa o ornitólogo da USP. "Outras espécies que guardam uma beleza particular, são muito pouco conhecidas e, infelizmente, estão muito ameaçadas de extinção, são o

A destruição é mais rápida no Cerrado do que na floresta amazônica

papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*), o papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*), o galito (*Alectrurus tricolor*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphaspiza melanotis*) e o caminheiro-grande (*Anthus nattereri*), todos presentes no livro de Edson Endrigo".

Algumas áreas em meio ao Cerrado, porém, ainda surpreendem o mais experiente dos ornitólogos, pondera Silveira. "Prova disso é a redescoberta do pica-pau-do-parnaíba (*Celeus obrie-*



ni), que ilustra a capa do livro. Sem registros desde a década de 1920, apenas recentemente foi observado e fotografado". Surpresa também foi o comportamento do papagaio-galego (*Alipiopsitta xanthops*), praticamente um 'modelo fotográfico profissional'. "Ele veio voando e pousou logo acima da minha cabeça. Eu estava em Emas, um calor desgraçado, quase 11 horas, mais conveniente impossível", recorda Endrigo. "E tantas vezes havia seguido o vôo desse papagaio, atrás de uma boa imagem, sem conseguir!"

A foto do majestoso cardeal-de-goias (*Paroaria baeri*), ao contrário, exigiu uma viagem especial para São Félix do Araguaia. "Em compensação, com algumas andanças, em 3 a 4 dias já havia feito 4 espécies endêmicas bem ali", relata o fotógrafo. Isso demonstra o quanto ainda há para se esmiuçar da imensa e variada riqueza biológica do Cerrado brasileiro. Alguns cientistas estimam que cerca de 70% do bioma ainda não foi devidamente amostrado, embora já se tenha convertido em agricultura, pastagens e cidades pelo menos 40% da área original. No Cerrado, justamente porque não sabemos olhar os detalhes, o ritmo de destruição é mais acelerado do que o desmatamento da floresta amazônica. E, mesmo assim, o alarme não se faz ouvir na mídia, nem nos corredores de Brasília...